

# FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE DE COMPREENSÃO E AVALIAÇÃO RESPONSIVA ATIVA DE EXAMES DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA EM UMA UNIVERSIDADE

**Maria Edileuda do Rego Sarmiento (UFRN)**  
edileudarego@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discorrer sobre a Linguagem segundo Bakhtin, como fundamento teórico para a tese de Doutorado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), cuja pesquisa a ser desenvolvida é de cunho qualitativo, interpretativista, de caráter histórico-cultural, haja vista a natureza das perguntas, pautadas na *compreensão responsiva ativa*. Serão adotados como aporte teórico para as discussões e análises, os estudos de Bakhtin/Volochinov (2006); Faraco (2009); Bakhtin (2011; 2013) entre outros. Dentre os instrumentos e procedimentos utilizados destacam-se por seu caráter qualitativo, autores como Martins (2004), Denzin e Lincoln (2006), Flick (2009); na abordagem histórico-cultural, recorreu-se a Rojo (2006), Freitas (2010); na visão interpretativista, Moita-Lopes (1994); acrescente-se a esses autores a avaliação dialógica de Romão (2011), que a conceitua como um processo de mútua educação, pois tanto o educador quanto o educando refazem seus conceitos no decorrer do processo.

O foco da pesquisa será voltado para a análise dos Exames de Proficiência em Língua Inglesa na referida universidade, partindo-se do princípio de que tem havido mudanças no processo de elaboração e avaliação desse exame. Para isso, a pesquisadora, tendo como fundamento a teoria de Bakhtin, propõe avaliar se há uma consonância com a *compreensão responsiva ativa* nos referidos exames. Para Bakhtin (2011), o uso dos textos como enunciados, a interlocução e o propósito comunicativo permeiam todas as ciências humanas onde se refletem valores e práticas sociais.

De início, o Exame de proficiência acontecia da seguinte forma: apresentava-se ao candidato um texto original em língua inglesa, contemplando sua área de pesquisa; solicitava-se que ele fizesse uma tradução, contendo as ideias principais e secundárias do texto. Esperava-se do candidato reconhecer as palavras ou expressões que pudessem dar validade ao entendimento de sua leitura e compreensão, o que seria evidenciado e avaliado na escrita coesa e coerente produzida por ele. Perante o nosso duplo papel de professor e

examinador, e diante da insatisfação de alguns candidatos quanto à metodologia usada no processo seletivo, sentimos a necessidade de mudá-la para atender aos seus objetivos. Para isso, reelaborou-se outra proposta avaliativa que constava de um enunciado, cujo foco era a retextualização do texto original em inglês para o português.

Percebia-se novamente a insatisfação dos alunos sobre a metodologia. Isso me levou a indagar se realmente estávamos atendendo aos anseios dos candidatos; se os nossos objetivos de avaliar se os candidatos estão aptos para leitura e compreensão de textos em inglês estavam sendo alcançados; se o processo de compreensão estava sendo atingido; se a seleção dos textos estava coerente segundo os fins do exame. Diante desses questionamentos, surgiu uma nova proposta de abordagem da equipe responsável pelo exame, cujo enunciado viesse atender aos objetivos dos candidatos de preparar-se para o ingresso no Mestrado ou Doutorado da seguinte maneira: cada prova passou a ser composta de cinco questões discursivas, das quais uma seria a tradução de um fragmento do texto, escolhido de maneira que o candidato pudesse observar estritamente os limites impostos pelo texto no tratamento do assunto.

Diante disso, senti a necessidade de avaliar os exames de proficiência como parte integrante desse contexto, no sentido de analisar a compreensão responsiva ativa, na perspectiva de Bakhtin (2011), a partir da elaboração das perguntas e da análise das respostas dos examinandos.

E para isso, resolvi desenvolver uma pesquisa, cujo foco seria voltado para o Exame de Proficiência. Emergiram três questões que poderão nortear este estudo e, ao mesmo tempo, oferecer respostas para os meus questionamentos: 1) De que maneira as respostas dos candidatos refletem o entendimento das perguntas nos exames de proficiência? 2) Qual a contribuição das questões do Exame de Proficiência para o diálogo e o posicionamento do aluno, numa perspectiva responsiva ativa, relativamente aos textos apresentados? 3) Qual o posicionamento do examinando frente às questões do Exame de Proficiência, no sentido de uma reflexão e uma atitude críticas?

No processo de elaboração e avaliação dos exames pelos examinadores, propomos analisar essa noção de compreensão responsiva ativa, a fim de compreender como as respostas dos candidatos refletem o entendimento das perguntas nos exames de proficiência; a contribuição das questões do Exame de Proficiência para o diálogo e o posicionamento do aluno, relativamente aos textos apresentados, e, por fim, o direcionamento do examinando pelas questões do Exame de Proficiência, no sentido de uma reflexão e uma atitude críticas.

Espera-se que este trabalho possa oferecer subsídios para uma reavaliação da proposta em vigor, de forma a contribuir para sua possível reformulação conforme os

postulados bakhtinianos. Esses postulados se inserem na Linguística Aplicada (LA), dada a sua dinamicidade no processo de interação verbal; por isso ela atende aos mais variados e complexos contextos como a escola, cursos de língua, as universidades, as empresas, os hospitais, as comunidades de minorias sociais adaptando-se à complexidade da vida contemporânea (MOITA LOPES, 2006), numa visão problematizadora e dinâmica no olhar de Motta-Roth (1995).

## **1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 A Linguagem segundo Bakhtin**

Mikhail Bakhtin (1895-1975) é um filósofo russo que introduziu novos conceitos nos estudos de Linguística e Literatura no mundo Ocidental. Tornou-se referência para os estudos da linguagem. Conforme ele, linguagem e sociedade são indissociáveis. Suas obras voltam-se para os campos da Teoria Literária, da Linguística, da Antropologia, da Pedagogia e da Filosofia. É autor de novos conceitos literários e linguísticos como: *exotopia*, *polifonia*, *dialogismo*, *responsividade ativa e alteridade*. Além de apresentar multiplicidade de pontos de vista acerca do estudo dos personagens, do autor, do texto, do enunciado, do dialogismo e dos gêneros literários (BAKHTIN, 2011).

Nesta pesquisa, descrevem-se os aspectos teóricos sobre o estudo do enunciado, do dialogismo e da compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2011). Nesse prisma, as relações humanas se estabelecem através do uso da linguagem. Entenda-se que avaliar a proficiência em determinada língua implica estudá-la, bem como determinar o grau de envolvimento dos interlocutores no contexto, além dos propósitos que guiam esse uso. Ademais, serão contemplados, no decorrer da pesquisa, aportes teóricos referentes ao estudo da linguagem, como Bakhtin/Volochinov (2006); Amorim (2004); Rojo (2006) entre outros.

Tem havido mudanças no processo de elaboração e avaliação do Exame de Proficiência em Língua Inglesa na universidade em questão. Por isso a pesquisadora, tendo como fundamento a teoria de Bakhtin, propõe avaliar se há uma consonância com a *compreensão responsiva ativa* nos referidos exames. Para Bakhtin (2011), o uso dos textos como enunciados, a interlocução e o propósito comunicativo permeiam todas as ciências humanas onde se refletem valores e práticas sociais. Tudo isso só é possível, levando em conta a língua em uso.

Segundo Fabrício (2006), concebe-se a linguagem como inseparável das práticas sociais e discursivas. Ao estudar a linguagem, estamos estudando a sociedade e a cultura, como partes constituintes e constitutivas. Nesse contexto, envolvem-se escolhas ideológicas e

políticas que provocam diferentes efeitos no mundo social, contribuindo no processo de construção de sentidos.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), informa-se que o processo dialógico supõe, além dos fatores físico-psíquico-fisiológico, a presença de atores que falam a mesma língua (código), pertencem à mesma esfera sócio-cultural e têm os mesmos objetivos; ou seja, envolvem-se num complexo contexto de interação linguística, social e psicológica. Como num passe de mágica, esses fatores se consorciam visando a um objetivo comum aos atores. Para isso, necessitam de *uma redução a um denominador comum*, ou seja, todas as linhas devem reunir-se num contexto único que constitui um processo linguístico.

Haja vista que os atores desses discursos são pessoas ímpares, cada qual com seus conceitos e objetivos. Daí a complexidade observada nesse processo, onde se imbricam fatores os mais diversos, subjetivos e mutantes. Leve-se em conta ainda que, nesse processo, transitam elementos abstratos não linguísticos, como as ideias e os objetivos. Nesse âmbito, insere-se a linguagem como objeto de estudo específico, o que leva Bakhtin/Volochinov (2006), como filósofos, a distinguir duas vertentes no estudo das questões colocadas na linguística: “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato”.

Quanto à primeira, destaca-se o interesse pelo ato da fala, da criação individual como fundamento da língua, oriundo do psiquismo de cada um, assim como são as outras áreas ideológicas como arte ou criação estética (BAKHTIN,VOLOCHINOV 2006). Esses autores veem a língua como: 1) um processo criativo ininterrupto no ato da fala; 2) a psicologia individual norteia essa criação; 3) ela é significativa, idêntica à arte; 4) a língua, em si mesma, é um produto acabado pronto para ser usado.

Ainda nessa perspectiva, vários filósofos e teóricos se manifestaram em posições complementares. O pensamento de Wilhelm Humboldt, apesar de não se encaixar nas quatro proposições acima, é mais amplo e complexo. Daí ser ele o iniciador de diferentes propostas divergentes entre si. Seus adeptos, influenciados pelo positivismo e empirismo, assumem posições diversas ou divergentes. Um deles, Wundt, defende que *todos os fatos de língua, sem exceção, prestam-se a uma explicação fundada na psicologia individual sobre uma base voluntarista*”, considerando a língua como um produto da “psicologia dos povos” ou “psicologia étnica”, visto ser ela uma soma de psiquismos separados, únicos, ímpares dos indivíduos.

Outro discípulo de Humboldt, Vossler, segundo Bakhtin/Volochinov (2006), baseado nas quatro proposições de Humboldt, acrescenta ao seu aspecto positivista, que não vê além das formas linguísticas, o aspecto psicofisiológico que as permeia, vendo-o *como um*

*componente ideológico significativa da língua* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Daí ressalta a primazia do estilístico sobre o gramatical, haja vista que ele implica uma enunciação individual, mutável, criativa, dinâmica. É nesse aspecto que ocorre a evolução da língua. Bakhtin/Volochinov (2006) ainda citam Croce, ratificando as ideias de Vossler no aspecto da “expressão”, ou seja, o individual como elemento propulsor das alterações linguísticas na sua evolução.

Contra-pondo-se, conforme Bakhtin/Volochinov (2006), o ‘subjetivismo idealista’, na sua condição de fluxo ininterrupto de atos de fala, sempre mutável, surge a outra vertente o “objetivismo abstrato”, normativo, estável, imóvel como um arco-íris apesar de suas variações cromáticas. São elas que garantem a unicidade da língua. Ressalte-se que o objetivismo abstrato não contradiz o primeiro, apenas apresenta a língua como um instrumento analisável em suas partes, mas, a partir do momento em que se transforma em ato de fala, ela é individual, não reiterável.

Assim, o objetivismo abstrato abrange o estudo científico da língua pela língua, ao passo que o subjetivismo idealista é flutuante, mutável, reflete o espaço, a cultura, as ideias, as intenções do falante num determinado contexto. Deduz-se, portanto, que a comunicação linguística situa-se em dois patamares imbricados; um de forma estável (normativo) e outro, peremptório, adaptável, flutuante, mutante.

Confrontando as duas vertentes filosóficas da língua, Bakhtin/Volochinov (2006) ressaltam que a primeira vê a língua como instrumento residual de uma evolução, mas a ela não interessa a análise. Enquanto que a segunda busca essa análise da língua como sistema de formas normativas, tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. Os sentidos são meras convenções.

Nesse viés, Brandão (2004) ressalta a importância de Saussure como precursor dos estudos linguísticos modernos, na sua concepção dicotômica entre língua e fala. Posteriormente, outros estudiosos vislumbraram os limites dessa dicotomia, ao ampliar o ângulo de visão que contempla a fala como um fato social que se reflete nas necessidades de comunicação. Dentre eles, destacam-se Bakhtin/Volochinov (2006), com a teoria que privilegia a enunciação como realidade linguística estabelecendo assim a divergência com os seus antecessores, como Saussure e a escola do Subjetivismo Individualista de Vossler e seus discípulos.

Brandão (2004) ainda ressalta a importância de Bakhtin, não só por colocar o enunciado como objeto de estudo da linguagem, mas também por dar à situação do enunciado um papel de elemento imprescindível para compreender e explicar a estrutura

semântica de qualquer ato de comunicação verbal, onde se realiza a intersubjetividade humana, na interação social, vista como uma realidade fundamental da língua.

Através da linguagem, estabelecem-se comunicações interacionais entre as pessoas e essas, por sua vez, têm a capacidade de organizar o pensamento, além de expressar um discurso oral ou escrito carregado de intenções e objetivos. Faraco (2009), com base nos escritos de Bakhtin, coloca que a consciência individual se constrói na interação, embora o universo da cultura tenha primazia sobre ela, ou seja, a parte está contida no todo. É assim que a pesquisadora se debruça sobre o objeto de estudo desta pesquisa, no sentido de analisar o processo de interação intersubjetiva nos Exames de Proficiência, via postulados bakhtinianos, apoiando-se no contributo da compreensão responsiva ativa, exposta a seguir

### **1.1.1 Compreensão Responsiva Ativa**

Para Bakhtin (2011), o fluxo da fala, ou seja, o dialogismo, inclui o dinamismo entre o leitor e o parceiro interlocutor. Instigado à resposta, o primeiro exprime o seu grau de compreensão responsiva através de uma réplica que possui uma conclusão específica no enunciado, estabelecendo-se, assim, um elo que constitui a interação verbal.

Essa interação só ocorre após um momento abstrato de compreensão passiva, leitura, sequenciada pela réplica, ou seja, pela reação do leitor ao enunciado lido, cujos limites são definidos pela alternância dos sujeitos, quando ocorre a troca de interlocutores numa atividade responsiva. Nesse contexto, o enunciado não é uma unidade convencional estática, mas real, visto ser delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, o qual se projeta e evolui com a transmissão da palavra ao outro e do outro (BAKHTIN, 2011).

Esta pesquisa volta-se para a compreensão responsiva ativa. Isso porque se compreende que há uma relação forte entre o tema escolhido pela pesquisadora e os postulados de Bakhtin (2011), cujo trabalho parte de uma análise no nível da linguagem em uso. Isso se coaduna com o que ele defende, de que todas as relações humanas acontecem através da linguagem, e todos os diversos campos da atividade humana estão ligados a esse uso (BAKHTIN, 2011). É nessa perspectiva que se posiciona a pesquisadora.

Para ela, analisar os Exames de Proficiência perpassa pelo estudo e avaliação do uso que o examinando faz da língua materna e da inglesa, envolvendo-se como um dos interlocutores no contexto da pesquisa, tendo como base os pressupostos bakhtinianos. Daí a importância de entender os textos como enunciados, unidades reais de comunicação discursiva para a compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2011), objeto importante para se entender a linguagem, parte integrante da proficiência. Conforme Bakhtin (2011) define, o

enunciado é um elo na formação de outros enunciados, cujos sujeitos se alternam, surgindo, assim, o diálogo, que vai além do face-a-face, através de uma dinâmica no processo de interação de muitas vozes, ou seja, num encontro de enunciados.

É nesse encontro que acontece a compreensão responsiva ativa, ou seja, a aceitação ou refutação das ideias circulantes em um determinado texto. Para Freitas (2005), trata-se de um processo dialógico, ou seja, o encontro de leitores em outros contextos amplia seu universo de compreensão através do cruzamento de pontos comuns entre o lido e o já lido. As ideias se interpenetram, resgatando um passado, quando foram concebidas; daí poder-se dizer que, no diálogo, elas se enriquecem mutuamente em outros contextos culturais. É nesse compartilhamento de informações que ocorre o processo dialógico (BAKHTIN, 2011).

Ao trazer as postulações de Bakhtin para o Exame de Proficiência em língua inglesa, busca-se uma postura ativa do examinando como interlocutor capaz de interagir, compreender e dialogar com o texto. Perante as questões apresentadas, torna-se um sujeito responsivo ativo capaz de emitir juízos de valor e não apenas repetir as ideias propostas no texto. Seus posicionamentos refletem uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. Assim demonstra-se uma postura assumida com base no diálogo entre autor- texto - leitor (BAKHTIN, 2011).

É nesse prisma que se coloca a compreensão responsiva ativa, quando os atores envolvidos no processo ‘recriam’ a cada passo novos significados. Conforme Alves (2009), cada ator nesse contexto, ao seu tempo, é sujeito atuante instigado pelo texto. Essa visão está conforme os postulados bakhtinianos, que contemplam as ações e reações dos interlocutores como infinitas e heterogêneas, surgindo daí sua natureza dialógica com matizes com as mais diversas entonações. É aí que ocorrem, em sua plenitude, as relações dialógicas.

Daí a importância de analisar os Exames de Proficiência, tendo em vista o seu caráter responsivo ativo. Se examinarmos a língua apenas no seu aspecto “escrito”, ela não passa de uma língua morta, pois só ganha força na interação dos interlocutores num dado contexto. Isso vai ao encontro do que defende Bakhtin (2011, p. 100), ainda em *Marxismo e filosofia da Linguagem*, que, quando uma “compreensão” exclui uma réplica, nada tem a ver com a compreensão responsiva da linguagem, pois essa caracteriza-se por uma nítida percepção, uma tomada de posição ativa a propósito do que foi dito e compreendido.

Zozzoli (2012) propõe a noção de *produção responsiva ativa* como extensão da *compreensão responsiva ativa*, em que independente da materialidade texto, os interlocutores reconstróem enunciados contínuos. Tomando esse viés, a pesquisadora deverá ficar bastante atenta para identificar nos examinandos atitudes responsivas ativas, dado que entram em questão os alicerces de conhecimento desses indivíduos, bem como indagar da

equipe responsável pela elaboração e correção da prova, se eles têm em vista esses objetivos, ou seja, observar nas respostas produzidas do exame sinais de produção responsiva ativa, conceito formulado a partir dos princípios bakhtinianos.

Utilizar-se-ão como ferramenta no Exame de Proficiência textos em língua inglesa para avaliar a capacidade responsiva ativa dos examinandos, tendo como base não só os elementos linguísticos, mas também os discursivos; ou seja, se os aspectos linguísticos forem adequadamente usados, tendo em vista a discursividade. Levem-se em conta, porém, as propostas da equipe responsável pela elaboração e avaliação do referido exame quanto ao tipo de texto e de assunto sobre os quais se formulam as questões.

Ainda conforme Bakhtin/Volochinov(2006), no capítulo *Tema e significação na língua*, existe a presença marcante da visão de compreensão responsiva ativa determinada não somente pelas formas linguísticas que entram na composição, mas por elementos não verbais da situação; sem eles, é impossível compreender a enunciação e não haverá significação.

No Exame de Proficiência, enfoca-se a responsividade, ou seja, o dialogismo, a necessidade de comunicar-se, de transmitir e receber informações. Nesse âmbito, o homem constrói enunciações, ou seja, partes integradas do discurso que, juntas, formam o enunciado. Daí dizer-se que o homem tem a necessidade de autoexpressar-se, de objetivar-se (BAKHTIN, 2011), porque é nesse processo, nessa interação, que se realiza a essência da linguagem na comunicação humana, que nada mais é do que uma soma de enunciados. Por isso o autor prioriza o enunciado em detrimento das estruturas linguísticas em si mesmas, dado que, como filósofo, coloca-o acima das estruturas, refletindo mais valores e práticas de uma sociedade.

É por isso que, na responsividade, o uso da linguagem permeia todos os campos da atividade humana. Daí a incidência dos enunciados nos seus mais diferentes campos. Nesse âmbito, os enunciados, concretos e únicos, refletem as condições e as finalidades de cada área, tanto por seus elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas, principalmente pela construção composicional, onde esses elementos se encontram integralmente unidos no todo do enunciado. A esse conjunto de elementos e interações comunicativas denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011).

Os textos utilizados no Exame de Proficiência pertencem ao segundo grupo, por se tratar de uma comunicação acadêmica, formal e diversificada, conforme a área de solicitação dos candidatos; a pesquisadora quer saber se os instrumentos de elaboração e avaliação dirigem o examinando a um diálogo responsivo e se ele tem consciência do enunciado proposto pelos examinadores, através das formas linguísticas que o representam,



evidenciando o dialogismo conforme Bakhtin. Ele destaca que, ao falante são indispensáveis tanto o conhecimento das formas da língua, no caso a língua estrangeira, quanto o dos gêneros do discurso, indispensáveis para interlocução. Nesse aspecto, induz-se o examinando a perceber, não só as estruturas linguísticas, mas as intenções do examinador ao questioná-lo. É nesse campo que se insere o enunciado.

### **1.1.2 Enunciados**

De acordo com Bakhtin (2011), o enunciado, unidade da comunicação discursiva, nasce de uma inter-relação. Ele é único e irrepetível, porque se renova a cada lance comunicativo em todas as esferas da comunicação humana, ou seja, através da interação dos falantes, sujeitos do discurso. Por isso se diz que seu início e seu fim são delimitados; porém o seu meio, formado por enunciações, é mutável, irrepetível, único, porque cada réplica interligada possui o poder específico de instigar certa posição do falante, que suscita uma resposta; e assim sucessivamente.

Diante da necessidade de comunicar-se, de transmitir e receber informações, o homem constrói enunciações, ou seja, partes integradas do discurso que, juntas, formam o enunciado. Daí dizer-se que o homem tem a necessidade de auto-expressar-se, de objetivar-se (BAKHTIN, 2011), porque é nesse processo, nessa interação, que se realiza a essência da linguagem na comunicação humana, que nada mais é do que uma soma de enunciados.

Esses, enquanto unidades de comunicação verbal, interligam-se numa relação de sentido; ou seja, são blocos dotados de carga semântica e, unidos, formam uma construção de ideias. Essas ideias são constantemente mutáveis por conta da interação entre os interlocutores socialmente organizados; por isso se diz que elas têm sempre uma significação para o outro. É isso que torna a comunicação uma corrente verbal ininterrupta e supõe a atitude responsiva ativa.

Essa natureza responsiva ativa, é o que diferencia, para Bakhtin (2011), a oração do enunciado. A primeira como unidade da linguagem, tem os seus limites enquanto unidade da língua; nunca são determinados pela alternância de sujeitos do discurso. Além de ser um pensamento relativamente acabado, pois a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade, tais como a situação, o ambiente, a pré-história, nem com as enunciações de outros falantes. Ademais, ela é vista como uma peça acabada independente do ponto de vista gramatical, porém, integrada num contexto dialógico, ela adquire vida, com a capacidade de gerar uma atitude responsiva, visto que está inserida no conjunto do enunciado, unidade de comunicação discursiva (p. 277).

Essa unidade é vivificada através da interação verbal dos sujeitos, exprimindo-se, um em relação ao outro, num determinado momento sócio-histórico, ou seja, representa o subjetivismo de cada falante frente ao seu interlocutor que, por sua vez reage, ou responde. Cria-se, assim, uma cadeia, o enunciado concreto, construindo uma interação única e irrepetível.

O enunciado concreto constitui-se um elo entre enunciações anteriores e posteriores num processo dinâmico de “ping-pong”. Na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011), ressalta a importância da alternância dos sujeitos como responsáveis pela emolduração do enunciado que cria para ele a massa firme rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados. Bakhtin (2011) menciona duas peculiaridades do enunciado. A primeira, como unidade de comunicação discursiva, que o distingue da unidade da língua. A segunda, a *conclusividade* específica do enunciado, constrói-se na alternância da fala dos interlocutores no seu aspecto interno.

Essa alternância tem como principal critério a possibilidade de uma posição responsiva, com indício de *inteireza* do enunciado, na sua dinamicidade sempre possibilitando uma réplica, determinada por três fatores intrinsecamente ligados na total completude do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do assunto, é o sentido pleno do enunciado; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, é o momento subjetivo do enunciado logicamente atrelado aos enunciados anteriores. Reflete as intenções do interlocutor no seu objetivo de direcionar o discurso; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, temáticas eleitas pelo falante ensejarão os gêneros a serem usados – mais formais ou mais informais.

Souza (2002) apresenta o enunciado bakhtiniano definido através de cinco características: 1) é um fato real; 2) é uma unidade de comunicação verbal, isto é, uma unidade do gênero; 3) apresenta um acabamento real, ou seja, é irreproduzível; 4) suas pausas são pausas reais; 5) tem autor e destinatário.

Esses elementos são pertinentes na análise do Exame de Proficiência, pois trata-se de uma situação real e concreta, historicamente situada; apresenta um acabamento real entre os interlocutores envolvidos que se classificam como autor e destinatário, cujo cerne é a linguagem em uso, no caso a língua inglesa. Isso vai ao encontro de Bakhtin/Volochinov (2006), quando dizem que a forma linguística adquire a dimensão de signo em razão da própria natureza da enunciação. Toda enunciação é uma resposta a alguma coisa e é

constituída como tal, visto que prolonga aquelas que a precederam, travando uma polêmica com ela, antecipa-as através das reações ativas da compreensão (p.98).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este referencial teórico possa oferecer subsídios e embasamento para uma análise de avaliação da proposta em vigor do referido exame, de forma a contribuir para sua possível reformulação conforme os postulados bakhtinianos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. P. C. **O diário de leitura: responsividade e autoria na formação inicial de professores.** In V SIGET- V Simpósio Internacional de gêneros Textuais. Caxias do Sul, 2009.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa, 2004. p. 151-152
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Trad. Michel Lahud et al. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso.** 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_ (orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FABRÍCIO, B.F. **Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições e curso.** In: MOITA-LOPES, L. P. (org) **Por uma Linguística aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: parábola editorial, 2009.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREITAS, M.T. de A. **Nos textos de Bakhtin e Vigotsky: um encontro possível.** In: BRAIT, B. (org) **BAKHTIN: dialogismo e construção do sentido.** 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

MARTINS, H. H. T. de Souza. **Metodologia qualitativa da pesquisa**. Educação e Pesquisa- FFLCH / USP: São Paulo, 2004.

MOITA-LOPES, L.P. da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROJO, H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA-LOPES, L.P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/volochinov/Medvedev**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

ZOZOLLI, R.M.D. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do discurso**, v. 7, 2012.